

“QUEM FUI... QUEM SOU!!!”: REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS E LITERÁRIAS NA POESIA DE JOVE DA MATA

Ivy Daniela Monteiro Matos¹

RESUMO: O espaço, a natureza, o cotidiano, são forças que emergem das representações identitárias de um poeta sertanejo na década de 1970. No entanto, a subjetividade poética pauta a construção de uma identidade que se revela coletiva, fundada no pertencimento, na assunção do eu, na condição humana de um povo que necessitava recorrer à literatura para se representar e para construir a sua identidade. A poesia de Jove da Mata reafirma o local, mas é capaz de construir-se universal.

Palavras-chave: Literatura Regional; Identidade; Barranqueirismo.

ABSTRACT: Space, nature, daily life are forces that emerge from the identity representations of a backwoods poet in the 1970s. However, poetic subjectivity guides the construction of an identity that reveals itself to be collective, founded on belonging, on the assumption of self, in the human condition of a people that needed to resort to literature to represent themselves and to build their identity. Jove da Mata's poetry reaffirms the place, but it is capable of building itself universally.

Keywords: Regional Literature; Identity; Bankruptcy

O processo de escrita de Jove Da Mata

A obra de Jove da Mata transporta-nos para a região dos gerais em Minas, mais precisamente o norte do Estado de Minas Gerais. Nesta viagem, os elementos do cotidiano, a paisagem característica da região, o trabalho do homem daquele lugar, afloram como recursos de representação do eu, descortinando a construção de uma identidade coletiva, fundada no pertencimento.

O passeio pelos espaços físicos, sociais e culturais desta região revela elementos decisivos nesta representação, sendo o rio São Francisco o mais importante deles. Em torno do rio giram as lendas, as representações, a identidade de um povo que preserva suas memórias através da oralidade, das representações folclóricas e da poesia. Desta forma, o rio

¹ Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do IFNMG, mestre em Sociologia Política pela UFSC, doutoranda em Ciências da Educação pela UTAD.

transcende a condição de elemento natural, e passa a configurar-se também como elemento cultural e social.

Sendo assim, a natureza, o estilo de vida, os elementos culturais, tais como a religiosidade, o trabalho, todos são apresentados como elementos decisivos e marcantes na construção da identidade do povo norte mineiro, barranqueiro e sertanejo. Construindo o caminho do eu e dando-nos acesso à identidade de um povo, a poesia de Jove da Mata localiza-se entre o regional e o universal, expressando-se através de uma linguagem simples, deliciosa que, algumas vezes, inspira a musicalidade de um cordel, mas que também torna-se capaz de evocar sonoridades marcantes de outras produções da literatura brasileira, construindo fortes intertextualidades com renomados autores nacionais.

A relação da sua poesia com outros textos da literatura brasileira torna-se latente. Convém questionar se esta é uma marca dos gostos literários do autor, ou se trata-se apenas de certos traços coincidentes entre as obras, conforme se caracteriza o próprio autor, como homem de poucas letras. No entanto, apesar da rusticidade (no sentido de natural, genuíno) da produção de Jove da Mata, entendemos que a sua sabedoria não se relaciona diretamente a diplomação. Como bem o descreveu Vasconcellos no prefácio da obra analisada: “foi mais um brasileiro desvalido que fustigado por incômoda centelha se fez autodidata, diplomando-se com todos os méritos em prático na vida” (SANTOS: 1977).

O título do seu livro QUEM FUI... QUEM SOU!!!, publicação que contou com o apoio da Prefeitura Municipal de Januária, no ano de 1977 e objeto do nosso estudo, revela um movimento introspectivo do poeta ao remexer no baú do passado para a assunção do presente: QUEM SOU!!!, afirmativo, expressivo. O título baliza a divisão da obra em duas partes: a primeira, QUEM FUI..., desnuda uma poesia mais lírica, expressando seus sentimentos sobre o mundo. Percebe-se uma representação da paisagem local, do povo da região e da sua própria subjetividade, que, segundo o próprio autor, é carregada de elementos imaginários com toques do Romantismo. A segunda parte remete-nos ao QUEM SOU!!!, que carrega a expressividade do agora (apesar da imprecisão temporal), revelando um eu lírico pessimista, calejado das amarguras da vida, indignado com as injustiças e corrupções. Neste ponto surge sua escrita satírica, bastante irônica e escarnecedora, crítica das arbitrariedades e injustiças vivenciadas pelo povo da região.

Convém perguntar-nos a que época se refere a obra? Apesar da publicação do livro ser datada do ano de 1977, percebem-se criações remetentes a diversas épocas da vida do autor, demarcando o tempo psicológico: a época da infância, que muitas vezes chega através de memórias; a época da mocidade, com escritas empregando o verbo no tempo presente, remetendo-nos, se não ao tempo real da produção da poesia, ao menos ao tempo do desejo, aquele que o autor desejaria que se configurasse em eterno presente; a época da velhice, da “caturrice”, demonstrando uma passagem de tempo na produção do autor, trazendo uma escrita mais direta, a respeito das suas impressões da vida, sem temor. No final do livro, o próprio autor escreve uma nota localizando o leitor no tempo cronológico, ao dizer que toda a obra poética publicada ali havia sido produzida antes da década de 1960. Chama-nos atenção a poesia “A voz do Caboclo”, que narra o episódio da História do Brasil em que o Presidente Washington Luís fora substituído por Getúlio Vargas. Este episódio histórico data do ano de 1930 e aparece na obra como uma narrativa em tempo passado. O poema “Justiça vesga” denuncia os desmandos do Juiz Rogoberto Ferreira da Silva, da Comarca de São Francisco, que por lá trabalhou entre os anos de 1939 a 1946 (RODRIGUES: 2012). O fato é que não há um recorte do tempo realizado pela obra.

Joviniano dos Santos nasceu em Januária, região do alto médio São Francisco. Popularmente conhecido como Jove da Mata, em atenção ao lugar onde escolheu ser feliz, a Mata do Engenho, cantado em seus versos. Tomou posse na Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, o que denotou o reconhecimento, segundo alguns jornais da época, tanto pela importância do poeta, mas também pela cultura dos gerais. A obra foi organizada e prefaciada por Francisco de Vasconcellos, folclorista, que a descrevia como uma arte inebriante pelos cheiros e sabores regionais, pelas simplicidades de suas construções, que colocava o autor como o trovador do povo, antes pelo seu conteúdo que pela sua forma. E completava:

Jove da Mata não é um ortodoxo da métrica e da rima em moda clássica ou segundo os rígidos princípios dos poetas populares da área nordestina. Tão pouco tem a intenção estética, isto é, a vontade consciente de fazer literatura. Se assim fosse seria um erudito pautado pela ilustração haurida nos vários graus do ensino metódico e sistemático. (SANTOS, 1977, p. 1)

Aí reside o prazer de ler Jove da Mata: na sua simplicidade, na naturalidade dos seus versos, na linguagem empregada, no lirismo espontâneo. E neste caminho, focando mais a fruição e o conteúdo que procederemos a uma análise das suas poesias.

A poética de Jove da Mata

Fui boticário sem carta,
Médico sem ser doutor
Fui mascate e boiadeiro
Sou poeta e trovador
(SANTOS, 1977, p. 15)

“Fui...” verbo que expressa a efemeridade das coisas da vida; “Fui boticário”, agora não é mais, “Fui boiadeiro”, não é mais, opondo-se a profundidade que cala ao peito: “Sou poeta”, a única verdade imperante, descortinando que a poesia é e não se faz. Esta poesia verdadeira, já talhada na alma do poeta e que Jove da Mata nos apresenta em seu livro QUEM FUI... QUEM SOU!!. Uma arte inebriante pelos cheiros e sabores regionais, pela simplicidade das suas construções.

Na primeira parte do livro o poeta traz à tona o menino da Fazenda Olhos D’água, o jovem da idade das paixões e o homem caturra do Rio São Francisco. Em “Poeta de água doce”, o autor declara a influência do Rio São Francisco sobre o processo de construção da sua identidade, bem como a importância que a poesia toma na elaboração do eu:

Se não fosse
Um poeta de água doce
Não teria uma caturrice,
Na velhice,
A recordar
(SANTOS, 1977, p. 5)

Rememoriza causos e temas regionais e confessa a indissociabilidade entre o poeta e o rio São Francisco. O velho Chico (como o rio é chamado na região) aparece ditando o comportamento do poeta e dos demais barranqueiros. Atribui-lhes os traços de identidade (caturra, bravio, sonhador e afetuoso), que são inevitáveis, “Pois nasci à beira rio”:

Mas, felizmente,
Sou caturra e sou bravio,
Pois nasci à beira rio,
Onde vivo,
A sonhar

Mas o meu rio,
Puramente brasileiro,
Dá ao povo barranqueiro
O ar comum,
A afeição!
(SANTOS, 1977, p. 5)

É o rio quem concede a inspiração ao poeta, definindo o tom dos seus versos. Assim, ser poeta e amar/viver o rio são dois fatores interdependentes no estabelecimento das relações identitárias:

Se tanjo a lira,
O São Francisco me inspira,
E me dita, ao coração,
A canção
Doce ou dolente!
(SANTOS, 1977, p. 5)

O poeta celebra o rio, sua soberania sobre a vida, a diversidade e beleza de sua fauna e flora. O rio ganha um poder transcendental ao harmonizar toda a natureza, qual um maestro que rege a orquestra. Percebe-se ainda que esta harmonia flui da natureza para o poeta, a partir do momento em que esta dinâmica é tida como algo indubitável, natural, estabelecido:

A voz do rio,
Com as das aves de harmoniza,
As coisas se fraternizam
E confabulam
Entre si.
(SANTOS, 1977, p. 9)

“Não me lembro” explicita as lamúrias existenciais que o levaram a uma visão pessimista da vida. Construção identitária a partir do pertencimento, da carga de outras gerações de que não se pode fugir, de um certo fatalismo a partir da manutenção das condições de vida estabelecidas no sertão:

Qual o poder que me pôs

No meio desse enredo,
Nesse imenso segredo
Onde há golpes e açoites,
De traje vermelho escuro
A frente sempre pendida
Na floresta a meia-noite.

(...)

A mesma corrente de vida
Que desliza pelas veias,
Em deliciosas cadeias,
Pela vida em pulsações.
Esta, a mesma corrente,
Em ti estabelecida,
Circula e palpita a vida
Das passadas gerações.
(SANTOS, 1977, p. 16)

Acha-se num discurso enfadonho, qual o poder que o colocou nesse enredo, a vida. Mas, de repente um sentimento o inunda. É a percepção da vida universal. A religiosidade surge como elemento cultural importante no processo identitário:

Mas, como vi a luz do dia,
Senti, num feliz momento,
Falar-me ao pensamento
Uma voz celestial
O que sentes em teus membros
Com impulso ritmoso
É o contato glorioso
Da vida universal.
(SANTOS, 1977, p. 16)

E o poeta reconhece essa corrente de vida nas gerações ascendentes, na natureza e na dicotomia do dia-a-dia. Assume o seu pessimismo, mas declara vencê-lo sempre, como o sol que sempre nasce ao alvorecer. Neste poema pode-se confirmar a presença da dicotomia noite/dia como metáforas da tristeza/alegria.

A introspecção torna-se terreno fértil para a mais fecunda metáfora de Jove da Mata: a noite. Metáfora da solidão, do saudosismo, contrapondo-se ao dia, que sempre vence o sofrer. Em “Do por ao nascer do sol na Mata do Engenho”, o poeta revela a influência da escuridão, da noite sobre a sua poesia:

Aqui vem a noite
E fecha os olhos do dia;
Também dorme a alegria, reina em tudo

A solidão!
E a tristeza,
Invadindo toda a mata
É a saudade que desata
A torturar
Meu coração!

Eu me ponho
a mirar, com ansiedade,
com os olhos
do coração!
Tudo que é agro
E dissonante, em minha vida,
Vejo n'alma refletidos
Nas noites de escuridão!
(SANTOS, 1977, p. 21)

O dia indubitavelmente chega e o poeta, por aquele momento, vence a sua dor para revivê-la no próximo escurecer. Que confessional e singela criação, com certas pinceladas de uma peculiar ingenuidade:

Acorda em festa,
Toda a Mata do Engenho,
E com empenho,
Todos cantam,
Com lirismo
Encantador!
Até eu.
(SANTOS, 1977, p. 22)

Na literatura de introspecção, a desintegração do tempo cronológico vem geralmente acompanhada de uma nova organização espacial, como cantou em “Mata do Engenho”:

O prelúdio das palmeiras
e o canto das passaradas
deixam minha alma premeida
de joelhos extasiada,
dolorida, das saudades
de uma idade já passada.
(SANTOS, 1977, p. 19)

A construção desse espaço é feita de modo muito arraigado de imagens regionais: o rio, a fauna, a flora, o espaço rural característico. Casagrande (2006) nos fala, sob a perspectiva de Chklovski, sobre a função dessas imagens. Segundo os autores, objetiva-se

criar uma percepção particular do objeto, revelando a percepção individual e singular do artista, distanciando do reconhecimento gerado pelo olhar cotidiano.

A evocação da idade passada, tempo da liberdade e da felicidade, promove a desintegração do tempo cronológico a partir da elaboração de memórias, que busca na construção do espaço (palmeiras, canto dos pássaros) atribuir uma nova significação do tempo e do espaço passados, de forma especial, lírica, sublime.

A relação entre o eu lírico e o poeta, entre a subjetividade e a representação de uma identidade coletiva, equivale ao que Bosi (2013) chama de “momento de fusão entre sujeito e objeto (quando um brota enraizado no outro), o qual consideraríamos, afinal, como um dos momentos do poético – entre dissonância e empatia. Em sua máxima radicalidade, uma é distância e análise, enquanto outra, identidade e intuição” (p. 103). A autora, buscando Hegel, denomina o sujeito lírico como “aquele que se projeta em direção ao mundo, e ao mesmo tempo interioriza o externo, em um movimento entre o universal e o particular” (p. 103). Desta forma, há que conceber a poesia de Jove da Mata como uma representação do eu e do outro, da identidade através da análise do real, do subjetivo e do universal.

O seu lirismo mostra-se pincelado por várias influências. Usando de alguns registros autobiográficos, Jove da Mata relata várias passagens da sua vida, incluindo o seu nascimento. Na poesia autobiográfica “Quem fui e quem sou”, o relato do seu nascimento busca referências no texto de Machado de Assis. Na obra “Memórias póstumas de Brás Cubas” (ASSIS: 2019), Machado escreve na primeira pessoa, cedendo ao personagem principal o direito, em período posterior a sua morte, de narrar a sua própria vida. Dispensado das formalidades e da diplomacia dos vivos, o defunto-autor então compõe a sua autobiografia sem traços de modéstia, chegando a relatar que em 1805, na sua árvore genealógica brotara uma “flor graciosa” e descreve o dia do seu batizado como um celebrar da natureza, em sua honra. Jove da Mata retrata o seu nascimento também como um dia especial, em que toda a natureza estava em festa. No entanto, ao contrário do primeiro autor (um defunto-autor), necessitou acatar a modéstia e canalizou as maravilhas daquele dia à natureza, à aurora, ao raiar daquele dia em que nascera e não a si mesmo. No entanto, o esplendor da natureza não deixa de ser um brinde àquele que nascia:

Em novecentos e cinco,
Cuja data inda me lembro,
Dezenove de novembro,
Vinha surgindo o clarão;
A passarada acordava,
Em verdadeira Harmonia,
Com a aurora, que surgia,
E eu nascia no sertão.
(SANTOS, 1977, p. 11)

A descrição memorialística do quintal da sua casa lembra Casimiro de Abreu em “Meus oito anos” (ABREU: 2020). Os sentimentos de solidão e pessimismo buscam evasão na infância e no sonho. Ainda no poema “Quem fui e quem sou”, o autor relata a trajetória de parte da sua vida, localizando na infância o tempo da felicidade, evocando a presença dos pais. Perdê-los coloca-se como uma inflexão nesta trajetória, um elemento de transição entre a singeleza e o enfrentamento das durezas do mundo. No entanto, além da presença dos pais, a felicidade ali era parte de um conjunto composto pela natureza e pela ingenuidade:

Eu nasci numa casinha,
Cercada de laranjeiras,
De romãs e bananeiras,
Além de verdes tapizes,
Onde nas tardes amenas,
Se ouviam belos poemas,
No gargalhar das seriemas
E no chorar das perdizes!
(...)
Nasci naqueles bons tempos,
Que bem longe já se vão
E que jamais voltarão,
Nem mesmo podem voltar.
Aqueles tempos de outrora,
Tempos belos e risonhos
São lembrados como sonhos,
Que só chegam para cantar.
(SANTOS, 1977, p. 11)

Esse cenário rural apresenta-se na poesia de Jove da Mata a partir de tendências diferentes: construído como elemento de evasão no tempo, recuperado através das memórias, representando um lugar da felicidade e da infância, aproxima-se da perspectiva do Romantismo. Apresenta-se ainda revisitado e elevado, juntamente com a vida simples, à fonte da felicidade, aproximando-se dos ideais de *fugere urbem* (fuga do urbano) e *aurea*

mediocritas (espírito medíocre) do Arcadismo. Tais ideais correspondem (segundo COUTINHO: 2003) à eleição do rural e do bucólico e à negação dos excessos como ideal de felicidade, encontrando o prazer no essencial e na vida simples, como é possível constatar:

Deixava a vida citadina,
Elegante e grã-fina
Pela vida na palhoça.
É que a tal felicidade,
Que passeia na cidade
Habitou sempre na roça.
(SANTOS, 1977, p. 67)

Ao falar das construções memorialísticas, Bosi (2015) ressalta que a memória retém aquilo que significa do que foi experienciado, às vezes intacto, às vezes alterado pela atribuição de novos significados. E complementa ao afirmar que a manutenção dos fatos vividos conservando as representações que gozara no passado, dá-se mais intensamente se a vida atual se mostra de modo insatisfatório.

Mais contextualizadamente, Souto (2001) relaciona memória, sentimento de barranqueirismo (quem nasce/mora nas barrancas do rio São Francisco) e identidade, ao afirmar que a produção memorialística daquele povo, (de que Jove da Mata faz parte) encontra-se impregnada de um sentimento de barranqueirismo. Entende-se barranqueirismo como uma construção a partir das práticas cotidianas dos barranqueiros, uma representação construída no imaginário do povo ribeirinho, com função identificadora.

Para Frota (2012), a construção da identidade barranqueira é o cerne do processo de composição do autor, elencando o rio São Francisco como elemento central nesta construção e baseia-se na tentativa de produzir uma representação de si mesmo e das suas relações de concretude com o mundo, colando sua imagem à do rio e à do sertão.

O saudosismo fará Jove da Mata ainda mais direto em sua intertextualidade, ao elevar a cidade natal, Januária, à sublimação de nobreza e inspiração, aproximando-se de Gonçalves Dias em “Canção do exílio” (DIAS: 1969), também no que se refere à melodia e a algumas rimas. Veja no poema “Honor a Januária”:

Januária, eu me arrisco

A exaltar tua nobreza,
Pois em todo São Francisco
És chamada de princesa
(SANTOS, 1977, p. 31)

Concernente ao conteúdo, assim como Gonçalves Dias, nosso poeta canta o estar ausente da terra natal, relata a dor que isto lhe causa e o desejo de regressar:

Embora saiba que o sonho
É uma coisa visionária,
Acordo sempre risonho,
Se sonho com Januária
(SANTOS, 1977, p. 31)

E ainda a eleva como a única capaz de dar-lhe inspiração. Se não a tem, o seu processo criativo passa por desgastes e perdas:

Da minha inteligência,
Extraí todo cascalho
Lavei-o com paciência
Perdi todo o meu trabalho.

Não encontrei rimas caras
Nem bonito pé de verso
Nem tão pouco expressões raras,
Tecendo em estilo terso.
(SANTOS, 1977, p. 32)

Inspirações são resgatadas do Parnasianismo, quando o autor manifesta sua preocupação com a escrita, na tentativa de construí-la com “rimas caras” e “expressões raras”, aproximando-se dos poetas parnasianos na busca pela “perfeição” poética.

Ao falar da juventude, idade das paixões, aproxima-se de Álvares de Azevedo na primeira parte do livro “Lira dos vinte anos” (AZEVEDO: 1996). Ambos retratam suas desilusões quanto ao amor, posicionando-se com pessimismo e solidão, chorando uma mocidade perdida. Enquanto Azevedo refugia-se na morte ou no sonho, Jove da Mata refugia-se no trabalho, na labuta do cotidiano e no ambiente rural que lhe fornece o direito de ser solitário, reconhecendo a efemeridade da vida e a sua própria insignificância, como nos revela o poema “Quem fui e quem sou”:

Na porta dos vinte anos,

senti da vida_o sabor
da mocidade_ o calor
e do mundo as ilusões,
Eis a vida que mudava
Num cenário radioso,
Meu coração ansioso
Palpitou de almas paixões.
(...)
Mas a primavera foi-se...
Foi-se embora e não voltou.
Muito cedo me deixou
No verão dos desenganos
Coitada da primavera!
Teve vida prematura,
Esse tempo de aventura
Durou apenas dez anos.
(SANTOS, 1977, p. 14)

No poema “Mata do Engenho”, o poeta relata suas memórias felizes da vida campestre na Mata do Engenho, menciona sua mocidade e desfecha com o saudosismo e solidão:

Recordei meus vinte anos
de seiva e de mocidade,
a primavera florida
me sorriu naquela idade.
Foi-se embora e me deixou,
Folhas murchas de saudade.
(SANTOS, 1977, p. 19)

Além da introspecção, há um forte aspecto memorialístico e documental na obra de Jove da Mata, desde quando fala dos rios (São Francisco e Pandeiros) e descreve as condições naturais da biodiversidade até a década de 1960, mas também quando aborda a pobreza da região.

No poema “Pardinho”, a linguagem empregada apresenta uma amálgama entre o verso e a prosa, relatando a história de um bezerro (Pardinho) da Fazenda Bela Vista, bicho manso e de estimação, que fora vendido por trinta mil réis. O autor ressalta a virtude da lealdade do animal, voltando sozinho à fazenda onde fora criado. Mas lá não ficou por muito tempo, tornado a ser vendido por mais duas vezes até morrer de tristeza.

Para Martins (1954), a linguagem da prosa e da poesia evocam objetivos distintos, mas associáveis e complementares, ambas as formas semelhantes quanto à capacidade de expressão literária, distinguíveis apenas por aspectos secundários. Enquanto a prosa utiliza-se

da linguagem útil, isto é, a linguagem que serve para o homem atingir seus objetivos, o poema é feito expressamente para reviver e vir a ser indefinidamente.

A concepção da transitoriedade da vida, da efemeridade das coisas, desembocando em uma visão taciturna de que a sociedade é vil e que mais lhe interessa “o dinheiro que a ciência” aproxima a poesia “O ouro e a caveira” do conto “Um apólogo”, de Machado de Assis (ASSIS: 2012), em que este também revela sua visão pessimista da sociedade através da personificação da agulha e da linha. É possível perceber semelhanças no tom estabelecido no diálogo entre os dois elementos eleitos pelos autores, sendo linha e agulha por Machado e ouro e caveira por Jove. Ambos os diálogos são acirrados, com tons de ironia, de diminuição do outro em favor de si próprio e da exposição da utilidade das coisas. No entanto, enquanto no conto de Machado o homem surge para refletir sobre o seu lugar no mundo, se ocupa a posição de linha ou de agulha, na poesia de Jove o homem surge com um simples propósito: eleger, de forma permanente, o ouro como essencial para a sua existência:

O Ouro e a Caveira
Um dia se encontraram.
Mal se olharam
E o Ouro então parou
E perguntou com desdouro:

-De que sorris, eterna louca?
Sorris da tua própria obra?
Da beleza que é pouca
Ou da fealdade que te sobra?

E a Caveira respondeu
Com toda severidade:
-Sorris da humanidade;
Sorris da turba multa
Que a tudo e a todos insulta,
Quer seja santo ou prometeu.

Sorris da negra história
Da triste trajetória
Em que a humanidade se perdeu.
(SANTOS, 1977, p. 37)

Sua obra revela ainda uma dedicação à poesia satírica, segundo o autor, para denunciar as agruras por que passavam os sertanejos. Tornaram-se temas prediletos, motivado por

episódios em que também fora injustiçado, a corrupção e os abusos de poder do judiciário do sertão, mais especificamente sobre a Comarca de São Francisco, cidade próxima a Januária, sob a custódia do Juiz Rogoberto Ferreira da Silva. Veja em “Justiça vesga”:

Ao público ofereço,
Minhas satíricas trovas,
São verdades muito duras
E posso dar-lhes as provas,
De poeta eu não tenho
Nem sequer a pretensão,
As dores da injustiça
Deram-me inspiração,
Para esclarecer o público
Da minha indignação,
Pelas misérias que reinam
Pelo esquecido sertão!
(SANTOS, 1977, p. 73)

Cumpre-nos falar dos protestos em linguagem poética empenhados por Gregório de Matos (MALARD, 1998), expressando-se através de caricaturas, ofensas, praguejar sem piedade, elencando um vocabulário grotesco e forte. Gregório falava da corrupção generalizada na política, na igreja e até daqueles que se calavam. Jove da Mata rebela-se da imagem de barranqueiro melancólico e introspectivo e denuncia os abusos do judiciário do sertão norte mineiro:

Justiça em São Francisco
É palavra sem sentido
De justiça tem o nome
O seu papel invertido,
Ela persegue o inocente
E immortaliza o bandido!

A justiça ali é um monstro,
A tudo e a todos consome
Quem ganhar honestamente
Pode jurar que não come;
Ao não ser seus afilhados
Tudo mais fica com fome!
(SANTOS, 1977, p. 71)

Aqui assemelha seu desafeto a um cão:

Se o doutor Getúlio Vargas,
Governador do país,

Mandasse por uma corrente
No pescoço do juiz
O povo daquela Comarca
Voltaria a ser feliz.
(SANTOS, 1977, p. 76)

Os títulos dessas composições revelam uma feroz ironia: “Justiça vesga”, “Alô, alô, justiça mineira!” e “ABC do São Francisco”. Na última, compõe trovas com cada uma das letras do alfabeto, como a denunciar com todas as letras o abuso de poder.

A linguagem do autor mescla erudição e arcaísmos (mui, oiro, honor) com inovações lexicais consideráveis para o tempo em que fora escrita (super-manso), uso de metáforas e hipérboles. Interessante o poema “A voz do caboclo”, pelo registro real da fala popular da região. Interpretação válida sobre a voz que narra o poema, pode se referir à representação de que até mesmo o homem simples, matuto, sem estudo, compreende as perdas políticas causadas pela sucessão do presidente Washington Luís por Getúlio Vargas, no ano de 1930:

Vanceis não arrepere
A minha cumparação.
E se ofendê a arguém,
Por Deus eu peço perdão,
Mas pensa no juízo
Se é verdade ou não.

Essa terra de Tupã
Já foi um grande país.
A gente vivia tão farto,
Tao satisfeito e feliz,
No tempo que governava
O doutro Washington Luís.

Despois a politicaia
Irmã geme da umbição,
Surgiu das bandas do sul
Um cabra sarambelão,
E com suas gauchadas
Tomou conta da Nação.
(SANTOS, 1977, p. 59)

Defende o anteriormente presidente do Brasil, Washington Luís, contra a tirania do atual, Getúlio Vargas, apresentado pelo autor como um ditador, um senhor feudal. Localiza a nomeação de Getúlio como um ato de políticaia (politicagem) e umbição (ambição). Na

relação comparativa entre os dois governos, descreve os tempos de Washington Luís como tempos em que a casa estava arrumada (o país), descrevendo cada Estado como cada quarto da casa, os quais estavam todos equipados.

Há recorrentes registros de fatos históricos na obra de Jove da Mata. A relação estabelecida entre o texto literário e o registro histórico é questionada por alguns teóricos da literatura. No entanto, entendemos que a literatura é capaz de apresentar à História o aspecto vivencial dos fatos. Não apenas o registro do que houve, mas a repercussão, a influência dos fatos históricos sobre as pessoas, o cotidiano, os costumes. Isso não equivale a dizer que o autor escreve com fundo histórico com o intuito maior de fazer registros. Concordamos com Silveira (2006), ao afirmar que a expressão literária, longe de ser diminuída ou cerceada na sua criação, serve, para além dos objetivos precípuos do texto literário, ainda para fins históricos. E isso não o restringe, ao contrário, amplia sua capacidade de representação.

E nesta perspectiva, Jove da Mata retrata o homem a partir das suas atividades laborais, como um definidor da sua identidade: “O barranqueiro”, “O campineiro”, “O chapadeiro”. Na poesia “Ouro branco” fala da agricultura e da relação do homem com esta atividade produtiva. Em “O barranqueiro” descreve o trabalho do pescador:

Por esta designação,
É por de mais conhecido,
O caboclo destemido
Que habita as margens do rio,
Pescador por tradição,
Faz da pesca meio de vida,
Não lhe importando outra lida
Fora dos mares bravios.
(SANTOS, 1977, p. 53)

A leitura da obra de Jove da Mata representa um exercício agradável de ler o homem, conhecer suas relações identitárias e como elas se entrelaçam às relações identitárias de um povo. É construir a correlação da literatura mineira com a história, com a cultura e com a sociedade, a partir de um texto mágico, que ele próprio explica:

Poetas? Meninos grandes... disse alguém.
Eles aí vão fitando o firmamento
São eles que através da prosa e do verso

Para o nosso regalo, e nosso bem,
Contam-nos com humano sentimento
O milagre da vida e do universo!
(SANTOS, 1977, p. 62)

Conclusão

Apesar da poesia de Jove da Mata referir-se a um tempo que data em torno de um século atrás, e de alguns aspectos ambientais, sociais e culturais da região que ele cantou serem outros na atualidade, a divulgação e o reconhecimento da sua obra tornam-se uma inflexão na trajetória de reafirmação da identidade do povo norte mineiro.

Isso se faz importante por algumas razões: uma delas refere-se ao fraco costume que as comunidades, as regiões de um modo geral têm de preservarem as suas memórias. A arquitetura, a poesia, as narrativas orais, as manifestações folclóricas tem se perdido, principalmente nas cidades do interior, que costumeiramente não são vistas pelas políticas públicas de resgate cultural e que seguem em administrações públicas sem recursos financeiros para isso, ou mesmo sem interesse. A outra razão trata-se da permanência desses aspectos culturais na formação da identidade regional, apesar do passar do tempo. É inegável, por exemplo, a influência do rio São Francisco na formação identitária do povo das cidades ribeirinhas, ainda nos dias atuais. Todos conhecemos pessoas que migram para outras regiões e que anseiam por ver o rio quando retornam à cidade natal, ou por frequentar as praias de água doce, numa relação saudosista. Apesar do passar dos tempos, ainda temos profissionais que desenvolvem uma relação íntima com o rio, sejam os vazanteiros ou os pescadores, que estabelecem com ele uma relação estreita de representação social, cultural e econômica, formando comunidades.

Passado e presente gozam de uma relação de contiguidade. Ainda temos, como povo, fortes características construídas através das representações identitárias que, apesar de acharmos já findadas, subjazem no modo de ser e de viver do povo norte mineiro. Esta teia, apesar de invisível, é forte e se estenderá ao futuro. E mesmo que inventemos novas formas de vida e de representação social, ainda estará lá, como a semente que se desconfigura para dar lugar à árvore.

Assim, revisitar a obra de Jove da Mata nos reaviva como povo, permite-nos construir elos através dos tempos, conhecendo o passado, assumindo o presente, a fim de fortalecer as representações identitárias para o futuro.

Referências

- ABREU, Casimiro de. As primaveras. *In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2020.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Editora Principis, 2019.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *In: Para gostar de ler*. Volume 9. Contos. São Paulo: Editora Ática, 2012.
- AZEVEDO, Álvares de. **Lira dos vinte anos**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BOSI, Eclea *et al.* **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BOSI, Viviana. O sujeito lírico e o sujeito pedra. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 47, n. 4, 101-117, 2013.
- CASAGRANDE, Rosângela Fonseca. Entre a prosa e a poesia. **Revista Literatura**, ed. 81, 2006.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 7 ed. Rio de Janeiro: Global Editora, 2003.
- DIAS, Gonçalves. **Primeiros cantos**. Coleção “Nossos clássicos”. São Paulo: Agir, 1969.
- FROTA, Luciane da Mota. **Rios poéticos: a figuração do rio no romance de Guimarães Rosa e na obra de Jove da Mata**. Dissertação (Mestrado) – PUC de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. Belo Horizonte, 2012. 95f.
- MALARD, Letícia. **Poemas de Gregório de Matos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- MARTINS, Wilson. Poesia e prosa. Distinção. Histórico desta distinção. **Revista Letras**. v. 2, 1954. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/20073/13254>.
- NÓBREGA, GM. Relação entre textos. *In: BORBA FILHO, Hermilo. Memória de resistência e resistência da história*. Campina Grande: EDUEPB, 2015.

RODRIGUES, Francisco Jr. **Jove da Mata**: identidade e memória na literatura popular sanfranciscana, 2012.

SANTOS, Joviniano dos. **Quem fui...Quem sou!!!** Co-produção da prefeitura Municipal de Januária, 1977.

SILVEIRA, Cristiane da. Entre a história e a literatura: a identidade nacional em Lima Barreto. **História: Questões & Debates**. Curitiba: Editora UFPR, n. 44, p. 115-146, 2006.

SOUTO, M. G. F. “**Eu nunca vi não... só vejo falá**”: Mitos e ritos da narrativa oral nas barrancas do São Francisco. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001.